

PROJETO NA ESCOLA, INCLUSÃO SE APRENDE BRINCANDO: Análises no campo da Experiência Docente

Selenê Maria Barbosa; Rayssa Maria Anselmo de Brito¹

Secretaria Municipal de Educação de Bayeux – Escola Municipal de Ensino Fundamental Moacir Dantas
selenebarbosa2@hotmail.com / rayssamtbrito@gmail.com

RESUMO: Registrar experiências que sirvam de referência a outros que trilharão caminhos semelhantes é imprescindível. Principalmente, quando estas experiências têm como foco a formação das crianças no ambiente escolar, objetivando prepará-las para a compreensão da diversidade humana e para a superação dos preconceitos que podem ter sido absorvidos do mundo adulto. Assim, essa proposta de trabalho, visa relatar e analisar um projeto educativo, elaborado por uma professora de uma Sala de Recursos Multifuncionais e aplicado nas salas de aulas das turmas dos 3º e 4º Anos em uma escola pública, na qual através do diálogo e de oficinas de brincadeiras, buscou-se proporcionar uma reflexão sobre a inclusão de alunos com deficiências. E embora esta intervenção pedagógica, primordialmente tivesse como público-alvo os alunos das séries iniciais do ensino fundamental, ressaltamos que o mesmo objetivava também propiciar às professoras regentes destas turmas regulares uma formação *in loco*, pois, estas participaram como observadoras desta intervenção educativa e ao final realizavam uma análise escrita da mesma, visando provocar nelas a reflexão, bem como o registro de suas percepções no tocante as atividades propostas junto aos seus alunos e a aplicabilidade destes temas em seus cotidianos educativos, observando a importância da temática da diversidade no contexto de crianças em formação e que fazem e farão parte de uma sociedade mais equânime e acolhedora, que ao nosso ver, segue em construção e na qual cabe-nos assumir nossos papéis no tocante a esta. Assim, vimos que professores, alunos e escola viveram por meio do “Projeto Na Escola Inclusão se aprende brincando” experiências que os trouxeram sentimentos e reflexões sobre o olhar da alteridade.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão; Alunos com Deficiência; Diversidade.

INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar vem passando por profundas reformulações para atender ao paradigma da inclusão de alunos com deficiências. Este momento de transformação e reflexão sobre práticas pedagógicas que contribuam para construir no ambiente escolar espaços de acolhimento exige de nós, profissionais da educação, uma atuação que favoreça a participação de todos os alunos, valorize a diversidade, provoque a discussão sobre questões que possam gerar ações excludentes e, principalmente, busque conscientizar que as oportunidades de aprendizagens devem ser garantidas a todos os educandos.

Assim, com base nestes pressupostos implementei na Escola M. E. F. Dr. Moacir Dantas, onde trabalho como professora da Sala de Recursos Multifuncionais, o Projeto “Na escola inclusão se aprende brincando”. Tal proposta se configurou uma intervenção pedagógica em salas de aulas

¹ Mestra em Educação (UFPB) e Orientadora da Pesquisa.

das turmas de 3º e 4º anos na qual através de oficinas de brincadeiras, pretendi propiciar meios para a integração de crianças com e sem deficiências, apresentando a realidade das pessoas com deficiência de forma lúdica e utilizando técnicas de sensibilização.

O estudo apoia-se numa concepção de atuação docente colaborativa, comprometida com a sustentabilidade da prática inclusiva e ancorada nos seus princípios orientadores, tais como: negociação, participação, reflexão, valorização do conhecimento do aluno, diversão, organização e avaliação. Tal compromisso com a sustentabilidade da prática inclusiva está implícito no desejo de contribuir para uma formação docente voltada para a diversidade, fomentar a adoção de estratégias de ensino que priorizem a participação dos educandos, valorize as diferenças humanas, sejam significativas e promovam a ideia de um ambiente escolar que seja acolhedor para todos.

Assim sendo, embora o Projeto objeto desta pesquisa contemplasse a participação das professoras das salas de aulas regulares, cuidadora e intérprete de LIBRAS, é preciso esclarecer que seu principal público alvo eram as crianças, meninos e meninas que convivem na sala de aula com colegas com algum tipo de deficiência. Assim, a abordagem sociointeracionista, formulada por Lev Semenovich Vygotsky, em seu pressuposto de que “o longo caminho do desenvolvimento humano segue, portanto a direção do social para o individual.” (REGO, 2010, p.109), serviu como fonte de referência para a elaboração da proposta do projeto e para o desenvolvimento das atividades aplicadas nas turmas de alunos participantes.

Portanto, descrever e analisar o - **Projeto Na Escola Inclusão se Aprende Brincando** - visa disseminar experiências inclusivas em salas de aulas, ressaltar a importância da interação da pessoa com deficiência no meio em que ela está inserida e evidenciar o valor da aceitação da diversidade. E, desta forma, contribuir com a ideia de que alunos, desde as séries iniciais, precisam ser ajudados a evitar comportamentos preconceituosos; comumente percebidos na sociedade e que podem afetar negativamente suas formações pessoais e sociais.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

O Projeto “Na escola inclusão se aprende brincando” inicialmente foi um projeto-piloto que devido a sua boa aceitação por parte dos alunos participantes, foi incluído de forma permanente no plano de ação da Sala de Recursos Multifuncionais na qual atuo como professora. Para realizar esta

intervenção educativa, foi adotada a metodologia da pesquisa-ação, como um exercício pedagógico de investigação de minha prática educativa. Assim, esse projeto teve como foco principal possibilitar momentos de reflexão sobre as deficiências e sobre a importância da inclusão educacional, utilizando para isso estratégias de ensino participativas e lúdicas, nas quais foram abordados os seguintes temas: semelhanças e diferenças, a importância do brincar, inclusão escolar de crianças com deficiências, ajuda mútua, desenhos símbolos de deficiências (física, visual, intelectual, auditiva, síndrome de Rett e autismo) e informações básicas sobre estas citadas deficiências.

Esta experiência educacional foi iniciada em novembro de 2014, na E.M.E.F. Dr. Moacir Dantas (Bayeux-PB), visava contemplar como público-alvo duas turmas de alunos de 3º Ano e uma turma do 4º Ano do Ensino Fundamental, suas respectivas professoras regentes e outros profissionais de apoio (cuidadora e intérprete de LIBRAS).

Para a sua realização foram adotadas as seguintes etapas: 1ª – confecção de materiais, crachás e elaboração de listas, questionários e cartazes para a intervenção educativa na sala de aula; 2ª – contato com a supervisora escolar para agendamento dia/hora em que poderia ser aplicada a intervenção pedagógica; 3ª – entrega para a professora do material impresso que serviria de base para a atividade de confecção de autorretratos; 4ª – recolhimento dos autorretratos e confecção do mural “Somos Assim”; 5ª – preparação da sala de aula de forma organizada e atrativa (exposição dos brinquedos, materiais e das guloseimas p/premiação) e 6ª – aplicação das atividades do projeto na turma pré-selecionada. E esta última etapa obedeceu o seguinte roteiro: apresentação do projeto; distribuição dos crachás aos alunos; organização da turma em duas equipes; leitura do cartaz “Antes de começar” (leitura das regras de respeito e boa convivência entre as equipes participantes dos jogos); apresentação do cartaz “Nós Somos Assim” para reflexão e sensibilização sobre semelhanças e diferenças; oficinas de brincadeiras (corrida dos bambolês, jogo da memória com desenhos símbolos, bola ao cesto, empilha blocos, quebra-cabeça, jogos de imitação, trilha numerais/LIBRAS; vivências (pintando com o pé, caixa dos sentidos; adivinhe quem é; dança das cadeiras inclusiva e dramatização do texto “Dicas Para Ajudar Um Deficiente Visual”).

Depois de cada um destes momentos, os alunos foram convidados para um diálogo sobre o que haviam aprendido e que relações podiam estabelecer entre esta aprendizagem e o convívio com seus colegas com deficiências. No final, as crianças eram convidadas a fazerem uma avaliação da oficina utilizando Placas SIM/NÃO e expressando oralmente suas opiniões sobre o que aprenderam.

Para a realização de todos estes procedimentos foram previamente confeccionados materiais e jogos que ficaram organizadamente expostos em um canto da sala de aula antes do início da intervenção educativa.

Para os adultos, também foram aplicados questionários sobre suas práticas com alunos com deficiências e foi solicitada uma avaliação escrita das atividades do projeto. Portanto, a coleta de dados se deu pelos instrumentos: observação da participação e envolvimento das crianças e dos adultos, questionários, registros escritos e fotográficos.

[...] a vivência da infância, como direito da criança, vai se construindo em espaços e tempos compartilhados com outras pessoas, mediadores qualificados que interagem organizando situações de alto valor educativo. (VANTI, 2009, p.77).

RESULTADOS E DISCUSSÃO TEÓRICA

Os direitos educacionais de nossos alunos com necessidades especiais estão registrados no Capítulo V da nova LDB (Lei 9.394/96) e em outros documentos nacionais e internacionais amplamente divulgados e acessíveis para pesquisas. Tais documentos contribuíram muito para assegurar o direito ao acesso à escola; mas ainda estamos bem distantes de superar as barreiras que dificultam a participação e a aprendizagem destes alunos. Sabemos que as administrações públicas, os gestores escolares e o Projeto Político Pedagógico precisam desempenhar suas devidas funções para melhorar este quadro; mas, enquanto essas melhorias não chegam, o que nós, professores generalistas e especialistas, podemos fazer para amenizar as dificuldades de nossos alunos com necessidades educativas especiais?

Assim, objetivando amenizar essas dificuldades, o Projeto “Na escola inclusão se aprende brincando” foi apresentado com duas propostas: primeiro, ajudar as crianças sem deficiências a compreenderem melhor seus colegas que têm deficiências, partilhando com eles momentos de aprendizagens e interação social; e, a segunda proposta visa demonstrar às professoras participantes do projeto como o lúdico pode favorecer a convivência e a aprendizagem entre as crianças com e sem deficiências. Assim, as atividades desenvolvidas foram: as brincadeiras infantis, demonstrando que estas podem ser articuladas em situações pedagógicas, orientadas e mediadas pelo professor, resultando em aprendizagens significativas, tal ideia é, portanto, esclarecida nas palavras de Rego:

Mesmo havendo uma significativa distância entre o comportamento na vida real e o comportamento no brincar, a atuação no mundo imaginário e o estabelecimento

de regras a serem seguidas criam uma zona de desenvolvimento proximal, na medida em que impulsionam conceitos e processos em desenvolvimento. (2010, p.83)

Por conseguinte em uma perspectiva interacionista, o planejamento e a organização da intervenção pedagógica devem contribuir para o desenvolvimento global da criança, bem como para a sua interação com outras crianças. Pois “... para Vygotsky, o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social.” (REGO, 2010, p.60).

Por isso a adoção dos jogos nas intervenções pedagógicas do Projeto; pois, como sabemos, eles possibilitam a ação no mundo porque estão sujeitos a regras compartilhadas e construídas a partir das próprias regras sociais de convivência; constituem-se, portanto, como veículo de expressão e socialização das práticas culturais; isto é, brincando as crianças aprendem a se inserir no mundo dos adultos; pois, pela sua dimensão lúdica e possibilidade de promoção do desenvolvimento humano, são elementos essenciais às práticas escolares.

A criança se desenvolve a partir da sua interação com o mundo. Esse processo de apreensão do mundo adulto ou do conhecimento da experiência sociocultural é feito pela criança de forma muito peculiar, através da ação do brincar. (VANTI, 2009, p.77).

No entanto é preciso estar atento para o fato de que nem tudo se aprende e se consolida durante a brincadeira. É preciso criar situações em que os alunos possam sistematizar aprendizagens. Nesse sentido o professor continua sendo um mediador das relações, e precisa, intencionalmente, selecionar os recursos didáticos em função de seus objetivos. Porque os brinquedos, jogos e materiais pedagógicos são objetos que trazem saberes potenciais que podem ou não serem ativados pelos alunos. Ou seja, é o professor que faz a mediação entre os alunos e os recursos materiais que disponibiliza.

E, na escola inclusiva, os recursos materiais e a ludicidade podem, se forem bem articulados pelo educador, ajudar as crianças a aprenderem a ser mais solidárias. Contanto que essa articulação enfatize o caráter cooperativo dos jogos e não a competição.

Portanto, estratégias de ensino que promovem a inclusão educacional se tornam mais eficazes quando oportunizam mudanças geradoras de experimentação das aprendizagens ativas. Neste contexto, existe uma variedade de atividades que podem ser aplicadas nas salas regulares. E o ensino lúdico é um destes recursos, pois propicia um clima acolhedor, no qual as relações de apoio

e cooperação, a valorização do outro, a confiança mútua e a autoestima, constituem fatores essenciais à aprendizagem efetiva.

Deste modo, a possibilidade de compartilhar com o outro experiências lúdicas significantes, outorga à pessoa um sentimento de pertencimento, de acolhimento e aceitação. Esta marca, pouco a pouco, produz no sujeito a tendência de ele próprio acolher e aceitar o outro. (SILVA, 2006, p.44).

Formação Docente para a Diversidade

A criança é um ser social em constante evolução. Faz parte de uma organização familiar, pertence a uma sociedade situada em determinado momento histórico, é portadora de determinada cultura. Se a prática educativa oferecida a ela estiver permeada de atividades envolventes e dinâmicas, contemplando seus aspectos sociais, afetivos e cognitivos, a construção de seu conhecimento terá os fundamentos necessários para o desenvolvimento da formação pessoal e social.

E, para contemplar os aspectos acima citados e atender a esta necessidade formativa que deve ser comum a todas as crianças, a escola precisa adotar os princípios da educação inclusiva, cujo enfoque exige mudanças significativas no cotidiano escolar. No entanto, tais mudanças nem sempre são vistas de forma positiva. A insegurança dos educadores quanto às suas capacidades de responder à diversidade, principalmente no caso de alunos com deficiência, é uma das barreiras que precisam ser superadas. Outros obstáculos são as crenças e as atitudes discriminatórias ainda muito comuns em nossa sociedade e que permeiam o universo adulto e influenciam também o universo infantil.

É preciso, portanto, mobilizar estratégias de ensino que facilitem a prática inclusiva e possam implicar em aprender novas formas de pensar e agir, que sejam motivadoras, estimulem a participação e fortaleçam os vínculos entre os alunos, com ou sem deficiências. Mas, tais estratégias só surgirão se o professor se sentir capaz de responder à diversidade de estilos, ritmos e necessidades educacionais especiais dos estudantes e buscar a formação necessária para atender esta demanda atual.

Dois aspectos marcam pontos de referência constantes para o professor ao tomar decisões educacionais que afetam os alunos com necessidades educacionais especiais: o nível de interação que estes alunos estabelecem com seus colegas e a sua autoestima. (NOGUEIRA, 2005, p.53).



E este compromisso formativo com os educandos pede que os educadores se coloquem também como aprendizes. Ao observar práticas educativas de outros educadores, o professor deve buscar tanto o que é bom e pode ser disseminado quanto o que pode ser aprimorado. O importante é que a formação docente possa apontar caminhos que sejam trilhados efetivamente na sala de aula. Neste contexto, o Projeto “Na escola inclusão se aprende brincando” é uma proposta que assume dois compromissos: com os educandos, oferecer através do lúdico um ensino estimulante e participativo; e com os educadores, ser um momento de formação docente no qual através da observação e avaliação das atividades do projeto, eles possam encontrar ou reformular ideias que contribuam para melhorar suas práticas educativas.

Momentos de formação pontuais são importantes, falar sobre a inclusão educacional de crianças com deficiências também; mas a formação atitudinal das crianças precisa de um trabalho educacional que esteja nas ações cotidianas que as ensine a aprender a conviver com a diversidade. Por isso, abordagens mais abrangentes de temas inclusivos que contemplem leituras, vídeos, discussões, brincadeiras e jogos com formações variadas (duplas, trios, equipes etc.), devem fazer parte da rotina escolar, contribuir para modificar práticas docentes excludentes e favorecer a aprendizagem significativa dos alunos e o respeito às diferenças.

O eixo fundamental do currículo de formação docente é o desenvolvimento de instrumentos intelectuais para facilitar as capacidades reflexivas sobre a prática própria docente e cuja meta principal é aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a educação e a realidade social de forma comunitária. (IMBERNÓN, 2000, p.52).

Então, o desafio é superar a resistência às mudanças e transformar a própria prática educativa através de um contínuo processo de formação, ação e reflexão; corrigindo o que não funciona e aprimorando o que vai bem. E esta ideia é claramente expressa nas palavras de Freire (2001, p.42): “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o que fazer”.

Portanto, para educar na diversidade, a formação do professor deverá contribuir para que ele possa desenvolver uma nova perspectiva sobre o planejamento de modo que seja garantida a participação de todos os estudantes na classe, princípio básico da metodologia inclusiva.

Registro dos procedimentos aplicados no Projeto

Foi priorizado através do dinamismo dos jogos, a participação e a construção de habilidades para selecionar informações, estabelecer relações, deduzir etc.; possibilitando também trocas significativas entre o individual (motivações e experiências) e o social através do interagir com o outro, compartilhando a aprendizagem de forma estimulante e enriquecedora. Portanto, na vivência desta experiência foi possível registrar vários destes aspectos relevantes nos seguintes momentos:

Organização e exposição dos brinquedos e materiais – era visível a expectativa pelo novo, a agitação, a curiosidade para com os brinquedos e materiais atrativamente organizados em um canto acessível da sala.

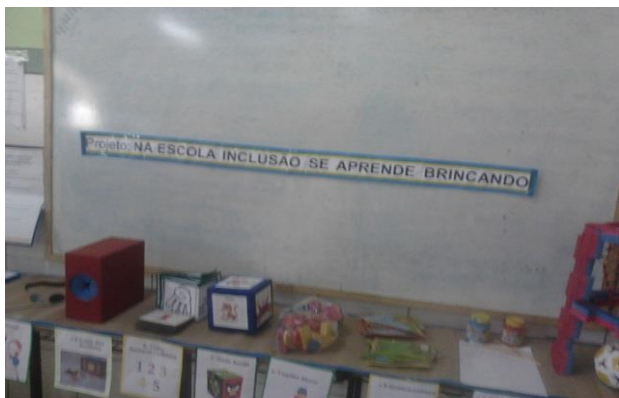


Figura 1: preparação da sala de aula.



Figura 2: exposição de materiais.

Organização das equipes e discussão das regras para os participantes – em ambas as equipes foi garantida a participação de meninos e meninas; a maioria optou em que grupo ficaria; as regras foram bem esclarecidas para garantir os direitos e deveres de cada equipe.

Apresentação do cartaz SOMOS ASSIM...- visualizar o painel com os autorretratos foi motivo de surpresa, risos e orgulho para alguns, mas todos foram elogiados por suas produções. As discussões sobre como todos nós somos ao mesmo tempo semelhantes e diferentes serviram como base para a abordagem dos temas principais: pessoas com



Figura 3: Autorretratos e diálogo sobre semelhanças e diferenças.

deficiências e inclusão educacional.

Oficinas de brincadeiras e momentos de diálogos – todas as brincadeiras (corrida dos bambolês, jogo da memória com desenho universal, bola ao cesto, empilha blocos, quebra-cabeça, jogos de imitação, trilha numerais/LIBRAS), contaram com uma disputada participação, geraram momentos de alegria, interação, muito barulho e alguns conflitos (que foram prontamente superados); após cada uma havia um momento de diálogo e de informação sobre tipos de deficiências, relacionando-as com a brincadeira ou brinquedo vivenciado; os alunos também eram questionados nos aspectos: O que aprendeu? Crianças com deficiências podem participar desta brincadeira? Crianças com quais tipos de deficiências podem participar desta brincadeira? Como elas estarão sendo ajudadas ao brincar desta forma e que cuidados devemos tomar para que não se machuquem?

Vivências e dramatização (pintando com o pé, caixa dos sentidos; adivinhe quem é; dança das cadeiras inclusiva e dramatização do texto Dicas Para Ajudar Um Deficiente Visual): estes momentos também foram bem divertidos, interativos e acompanhados de aprendizagens significativas, no qual alunos sem deficiências puderam refletir sobre as possibilidades dos alunos com deficiências e experimentar um pouco das suas limitações sensoriais; bem como refletir sobre que inclusão significa todos juntos aprendendo e que ninguém pode ser deixado de fora. Ou como diz Mantoan (2005): “Estar junto é se aglomerar com pessoas que não conhecemos. Inclusão é estar com, é interagir com o outro”.



Figura 4: apresentação dos símbolos que representam a inclusão e as diversas formas de deficiências.



Figura 5: Relacionando o símbolo da Deficiência ao Significado



Figura 6: pintando com o pé! Vivenciando as dificuldades e as possibilidades de quem tem limitações físicas.



Figura 7: Dança das cadeiras inclusivas (sai a cadeira e fica a criança), diversão, interação e acolhimento.



Figura 8: Jogo bola ao cesto. Refletindo sobre deficientes físicos (cadeirantes) e o direito de brincar.



Figura 9: Montando quebra-cabeça. Vivências (ajuda mútua). Temas: deficiência intelectual, surdez, autismo e aprendizagem.

Avaliação das brincadeiras: no final da disputa entre as equipes, foi enfatizado que não se tratava de uma competição, mas de um estímulo para a participação das equipes, todos os alunos foram “premiados” com guloseimas e participaram individual e voluntariamente das avaliações orais das brincadeiras utilizando as placas SIM e NÃO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os momentos acima relatados foram vivenciados nas turmas participantes de forma muito semelhante e com resultados também muito parecidos. As avaliações propostas ao público adulto participante do Projeto objetivaram fazer um levantamento das questões relativas às suas

dificuldades e necessidades no atendimento, em sala de aula, aos alunos com deficiências; investigar suas opiniões sobre inclusão educacional; bem como, buscar subsídios para o meu trabalho como professora da SRM, pois tenho a responsabilidade de prover ajuda aos professores das salas regulares no que diz respeito ao atendimento educacional dos alunos com deficiências e, portanto, necessito conhecer suas demandas.

No entanto, o objetivo mais importante do Projeto para o público adulto foi fomentar práticas educativas baseadas no respeito e na valorização da diversidade em sala de aula. Pois, só assim é possível evitar que alunos sejam excluídos ou rotulados. Afinal, todos que fazem a escola precisam buscar os meios necessários para a remoção de barreiras (físicas, conceituais, atitudinais e comportamentais), que dificultam a aprendizagem e a participação de todos os alunos; principalmente, em se tratando de alunos com deficiências e com limitações decorrentes de condutas típicas de síndromes.

Sabemos que historicamente a educação de pessoas com deficiência nasceu de forma solitária, segregada e excludente; mas, devido à luta de muitos, avanços significativos foram alcançados. Conviver com o diferente, com o que nos desafia é uma aprendizagem que requer mudanças e que precisa ser encarada como algo estimulante e não intimidante. Também é uma aprendizagem que não se encerra, porque quanto mais sabemos sobre o assunto, mais precisamos aprender. O importante é não nos sentirmos sós, buscarmos o apoio necessário e assim, a formação docente contínua.

O eixo central da proposta inclusiva é proporcionar melhores condições de aprendizagem para todos por meio de uma transformação radical da cultura pedagógica. Exige-se assim que as relações interpessoais e o fazer pedagógico sejam postos em discussão, evitando-se dessa forma que não sejam camuflados ou projetados no aluno a quem na maioria das vezes se atribui o fracasso escolar em virtude de suas carências ou deficiência. (BRUNO, 2006, p.27).

E todos nós professores somos responsáveis por buscar caminhos e formas para implementar projetos e ações práticas que contemplem as necessidades específicas e educativas que garantam uma educação verdadeiramente inclusiva. E estas práticas pedagógicas devem ser agradáveis e significativas. Assim, a metodologia adotada no Projeto priorizou o lúdico para ajudar os alunos a compreender e relacionar os conhecimentos novos com seus conhecimentos prévios, pois, quando a situação de ensino é inter-relacionada e prazerosa, a predisposição para aprender se torna mais efetiva.



Portanto, a escola precisa ser um lugar onde todos estão incluídos e dividem as mesmas oportunidades. Embora esta afirmação ainda seja muito utópica, nós docentes comprometidos com os nossos educandos, precisamos fazer a nossa parte. E o Projeto “Na escola inclusão se aprende brincando” mostrou que esta construção de uma formação inclusiva pode e deve envolver alunos das séries iniciais e seus docentes, para que todos desenvolvam para com os indivíduos com deficiência um olhar acolhedor, consciente de suas diferenças e limitações, mas também reconhecedor dos seus direitos e possibilidades.

REFERÊNCIAS:

- .BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRUNO, M.M. G. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão- introdução**. 4. ed. Brasília : MEC/SEE, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2000.(Coleção Questões da Nossa Época; 77).
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças. **Revista Escola**, n.182, maio, 2005.
- NOGUEIRA, M.L. L. **Legislação e Políticas em Educação Inclusiva**. Curitiba: IESDE, 2005. 92p.
- REGO, T.C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 21. ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 2010.
- SILVA, D.V. da. **Psicomotricidade**. Curitiba: IESDE, 2006. 56p.
- VANTI, Elisa dos Santos. **Projetos Interdisciplinares**. Curitiba: IESDE, 2009. 128p.